

ENTRE SONHO E VIGÍLIA: FIGURAÇÕES DA REALIDADE EM APROXIMAÇÕES DO SONO, DE RAUL COLAÇO

Anderson Felix Santos¹

O onírico é motivo frequente na literatura, seja na construção narrativa, na ambientação ou nas metáforas, foi principalmente usado pelos escritores surrealistas, experimentalistas de vanguarda, reservando lugar cativo, em especial, na literatura insólita e modernista, que nasceram ladeadas pelas descobertas da psicanálise, quando nos damos conta que o sonho fala e exprime tudo aquilo que nos cala: a voz do inconsciente, e nos permitiu enxergar que o sonho diz muito sobre a realidade concreta, embora, em primeira instância, lhe pareça oposto.

Aproximações do sono, segundo livro do contista Raul Colaço, é construído a partir desses opostos, onde o devaneio e o real fecundam a fantasia, retratando as condições diárias que moldam a experiência humana pela ótica do insólito. Sua estreia se deu com o livro *Rúmimo-ressonância* (2018), finalista do IV Prêmio Pernambuco de Literatura, no qual também explorou o fantástico e o estranho no cotidiano, desde então dedicou-se a escrever e tem publicado seus textos em sites e coletâneas. Mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco, o autor acaba de publicar, pela Editora 7 Letras, seu segundo livro, onde explora os sonhos e pesadelos que se escondem ou se revelam no inconsciente.

Em Colaço tudo é sugerido, sugestivo, como um sonho que se desnova em nosso adormecer, sem saber onde vai parar, porém sempre precedido por uma curiosidade que já nos é familiar, de desejos e medos que se escondem em nosso interior. O livro é dividido em dois momentos: SONO NÃO-REM e SONO REM, em referência aos ciclos do sono – SONO NÃO-REM diz respeito ao sono mais leve, com sonhos simples e ilógicos, onde a respiração e a frequência cardíaca diminuem; SONO REM, quando observa-se intensa atividade cerebral, de sonhos mais vividos e intensos, com respiração e frequência cardíaca aceleradas. Aqui, os sonhos são mais complexos e elaborados, onde também pode acontecer as chamadas “paralisias do sono”.

Na primeira parte do livro, cujos textos representam os sonhos ainda em sua fase inicial, se desnovelam histórias fantásticas com um olhar crítico, que nos revelam questões

¹Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, pesquisador do Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade de Pernambuco (CELLUPE).

sociais, como gênero e classe, por meio do estranhamento, como no caso do conto no qual o pai critica os modos de vestir da filha ao deitar-se, deixando no subtexto o rastro da violência; ou na história do rei egípcio que delega aos seus escravos os papéis ditos femininos, levando-os à sobrecarga, exploração e morte; ou ainda crítica à hipocrisia religiosa e especulação capitalista que se reflete no maquinário político, como ocorre nos contos “Um lance de dados” e “Rodízio de carne”.

Nesta obra, assim como em seu livro de estreia, *Colaço* explora críticas latentes da sociedade contemporânea na periferia do capitalismo, porém, enquanto *Rúmimo-ressonância* explorou espaços abertos, coletivos, de centros urbanos, aqui, impera o espaço interior, a névoa dos sonhos, dos dormitórios escurecidos e pesadelos esquisitos, mas que denunciam o estranhamento do mundo, entre o sono e a vigília.

Contudo, é a segunda seção que lhe caracteriza enquanto autor capaz de um trabalho sensível com a linguagem, usando-a para lançar luz sobre um conteúdo latente, que consiste em complexos, pulsões e desvios de comportamento que, conforme Freud (2019), dão indicações do conteúdo manifesto em forma de sonho, sendo este a manifestação do inconsciente latente. A segunda parte é também, em certa medida, um retorno aos moldes de seu primeiro livro, no qual encabeçava cada conto com um verso da literatura erudita ou das músicas populares, da periferia, dos bares. Aliás, as correspondências entre os versos que servem de epígrafe para cada um dos textos fazem um trabalho importante na ambientação e construção do sentido, por exemplo, os versos da canção “Pouca roupa”, do intérprete Gabriel Diniz, destacados os versos “Fecha a janela, tranca a porta e liga o abajur. Só sua sombra na parede com seu corpo nu”, são epígrafe no conto “Cura pela sombra”, que narra um empreendimento milagroso de saúde, onde os clientes deixam suas sombras para serem tratadas, mas que, encerrado no laboratório, revela um perverso teatro sexual e pedófilo.

Em tempo, assumir essa nova postura na última parte do volume não destoa em nada do conjunto do projeto, é na fase de Sono REM que o inconsciente humano participa das mais desvairadas loucuras, que registra maior atividade cerebral e de maior complexidade, incluindo os pesadelos. A obra, de fato, opera nos estágios do sono, servindo-se da forma como conceito para abranger o conteúdo. Enquanto na primeira metade o sonho ainda era leve, com textos curtos e mais diretos, na metade seguinte constam textos que trabalham com o profundo do inconsciente, do visceral humano, da verticalização da desordem mental e desregramento dos sujeitos, de modo que o leitor chegue ao final de cada conto com um sobressalto ou atingido por nocaute, parafraseando Julio Cortázar (1974), que bem soube

nocautear seus leitores. É o que nos ocorre em “Tiro no escuro”, cujo argumento conta a história de um intransigente viúvo conformado em viver sozinho, “Caranguejada”, espécie de conto de fadas do mangue, escrita com lama e sangue de quaisquer personagens comuns da beira do Rio Capibaribe, mas que ganham sobrevida na narrativa, “Coisa de irmão”, que parte do mote da canção de Reginaldo Rossi “Sonha, sonha comigo e vem me contar” para retratar a agonia que não abandona suas vítimas nem nos sonhos – pois estão completamente imersas na terrível realidade. E, afinal, o que seriam os sonhos, senão outra espécie de visão da própria realidade?

Outro ponto significativo é que o sonho em Colaço, ao invés de ser um elemento que distancia os personagens da concretude, os aproxima, pois eles jamais conseguem escapar da realidade e, por isso, sonham, vagam sem sentido, são abandonados, solitários ou violentados. A vida real os convoca e o sonho é o mecanismo de fuga que é sempre frustrado, pois há sempre uma dívida a pagar, uma promessa a cumprir, um problema a resolver, como em “Férias perpétuas”, “Um lance de dados jamais”, entre outros.

Talvez o conto que melhor sintetize essa perspectiva do livro seja “A micro-história de Heitor Ambrósio como artefato literário”, onde o jovem-título decide dar fim a própria vida, tentando das mais variadas formas, sempre sem sucesso, com suas tentativas falhadas, usando mecanismos cada vez mais elaborados e desesperados, lembrando a ficção de Murilo Rubião, de suicidar-se. No entanto, não se pode deixar de entrever às questões da realidade entranhadas ali, da dinâmica das redes sociais, do sistema carcerário, do modelo econômico, das instituições públicas, das relações raciais, entre outros elementos que, em pequenos detalhes, transparecem, porque são essenciais para que o leitor compreenda que o sonho e o absurdo fazem parte da própria vida. Não por acaso, Borges (1994) no Prólogo de *Livro dos sonhos* admite o sonho como o mais antigo dos gêneros literários.

Portanto, vale dizer, é também o sonho uma forma de fantasia, de elaboração fantástica do nosso inconsciente, com as suas mazelas e virtudes, por isso os contos de *Aproximações do sono* não poderiam constituir-se de outra verve que não da literatura fantástica, porque nela reside a possibilidade de unir as contradições humanas. Se a literatura é, como argumentou Antonio Candido (2011), “o sonho acordado das civilizações” (CANDIDO, 2011, p. 177), ela também tem a capacidade de se estabelecer como um mecanismo de plasmar a realidade social, pois, ainda segundo o autor, sem o sonho não possível existir equilíbrio psíquico durante o sono. Assim, a literatura tem a capacidade de fazer sonhar e de representar nossos

sonhos, mas também os pesadelos, a degradação, o absurdo e o estranho que também fazem parte de nós, homens e mulheres, que despertos ou sonâmbulos, vagamos pelo mundo.

Referências

- BORGES, Jorge Luís. *O livro dos sonhos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
CANDIDO, A. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
COLAÇO, Raul. *Aproximações do sono*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2023.
CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. *Valise de cronópio*, 1974, p. 147-163.
FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. L&PM Editores, 2019.

Recebido em: 26/04/2023; **Aceito em:** 14/08/2023.